

## O HOMEM QUE DESNUDAVA AS MULHERES

(*Inspirado no filme “O Homem que amava as mulheres”, de François Truffaut*)

### 1. Elas

Sua fixação eram as mulheres. Mulheres atraentes, que enchiam a sua visão de luz, como um inebriante narcótico. As idades podiam variar. Desde a graça e a formosura das adolescentes, à elegância e sensualidade das maduras. Era só sair às ruas e elas já começavam a lhe perturbar. Umas esguias, altas, longilíneas, outras cheias de curvas e carnes; umas ostentando peitos pequenos e pontudos, outras exibindo seios salientes e avantajados; umas vestindo apertados e descontraídos jeans (que ressaltavam as regiões pubianas e os atributos calipíngios), outras produzidas e maquiadas, com reluzentes brincos, saias sensuais e envolventes aromas. Todas zanzando para lá e para cá com a altivez das deusas do Olimpo. Pois assim elas lhe pareciam nos seus mais íntimos devaneios.

Mas não eram apenas jovens burguesas ou damas da elite que o atraíam. Moças que atendiam em supermercados, lojas, farmácias ou outros estabelecimentos comerciais também se constituíam em alvo de sua atenção e olhares. E garçonetes. Possuía uma especial predileção por garçonetes.

Essa fixação não se limitava às que ele via em “carne e osso”. Apresentadoras e atrizes de TV também o fascinavam. Além das garotas que todos os meses revelavam-se no esplendor de suas naturezas nuas nas páginas da *Playboy*. Fazia anos que ele se tornara um colecionador fanático da multicolorida e *sexy* revista e pilhas delas amontoavam-se num armário como um precioso tesouro. Ele passava horas dos seus fins de semana e dias de folga examinando, com a minúcia de um ourives, detalhes e nuances das imagens femininas ali expostas, nas mais diversas posições e poses: em pé, de frente e de costas; em barcos, becos, ruas e botequins; em sofás, poltronas e camas; sentadas, deitadas, reclinadas; de pernas fechadas, de pernas abertas.... (e em suas mais profundas intimidades havia sempre algo movediço e indecifrável, que as distinguiam, como um misterioso e, ao mesmo tempo, amedrontador molusco.) Com elas também encontrava a satisfação sexual.

Já nos anos 2000 descobriu a internet. Informado que na rede virtual havia muita pornografia, entrou num curso de computação e adquiriu um aparelho. E, acessando sites eróticos, em horas noturnas, dedicava-se ao seu

passatempo predileto: perscrutar as partes íntimas femininas, dos seios às vulvas, com suas inumeráveis variações e enigmas.

Então, certa manhã, numa banca de jornal, percebeu três belas jovens folheando revistas de moda. E, sem que conseguisse conter a libido, começou a imaginá-las desnudas, passando a comparar os seus tipos físicos e outras características com as atrizes, modelos e “coelhinhos” que via na *Playboy* e internet. A partir desse dia, a fantasia continuou ocorrendo com toda a fêmea bonita que se colocasse à sua frente ou nas proximidades. No início tentou evitar tal prática, que, no entanto, acabou se tornando um vício. Daí em diante os óculos escuros tornaram-se uma constante em sua face.

Com o correr do tempo descobriu algumas táticas para “desvendá-las”. As exuberantes, é claro, eram as mais fáceis de vislumbrar *in natura*. Mulheres com seios fartos ou nádegas proeminentes logo apareciam sem segredos. Era só visualizar os umbigos e todo o resto parecia despontar naturalmente. O único problema era quanto aos mamilos e a cor de suas auréolas circundantes (rosadas? escuras? marrons? ou café-com-leite?). A decifração desse item ficava por conta do seu poder imaginativo. Com relação às genitálias, encontrou um método infalível. Passou a observar – sempre que podia – as axilas. Pois já havia notado que seus formatos e cavidades pareciam perfeitas réplicas das regiões vulvares, em menor escala. Esse era um dos motivos que tornava o verão a sua estação favorita, período no qual os trajes diminuem e as delícias femininas eclodem como um raio de sol.

O aspecto que mais lhe causava dúvidas relacionava-se aos pêlos pubianos. De algumas eram facilmente identificáveis, como as latinas, afro-brasileiras e morenas em geral, cujos cabelos negros já revelavam os seus similares ocultos, especialmente àquelas que ostentavam sobrancelhas cerradas. Os pêlos íntimos das loiras legítimas também podiam ser percebidos à primeira vista, um pouco mais escuros que os seus cabelos. Quanto às “falsas loiras” o epíteto já diz tudo: loiras na cabeça, mas morenas em baixo.

As mais enigmáticas, porém, eram as que possuíam os cabelos castanhos claros. Eram essas que o obrigavam mais uma vez a apelar para a imaginação. Com relação à moda vigente das depilações parciais ou totais, ele não tomava conhecimento. Os pelinhos (ainda que ligeiramente aparados) eram fundamentais nas suas fantasias eróticas.

O curioso é que, mesmo vivendo numa cidade-ilha, composta por inúmeras praias, recusava-se a frequentá-las. Vê-las só ocultando o necessário para manter o (cada vez menos existente) pudor - e não poder se utilizar de suas próprias artimanhas para despi-las - era como uma heresia.

O melhor ponto que encontrou para vê-las e apreciá-las era um bar situado no 3º piso do Shopping Beiramar, que oferecia uma bela visão da Baía Norte da capital catarinense. Ali se sentava, pedia alguns chopes e beliscos e permanecia no local durante algumas horas, acompanhando a andança das mulheres que chegavam e saíam, ou circulavam pelos corredores e lojas próximas. Assim, selecionava as suas escolhidas. As garçonetes gostavam do jeito tranquilo daquele freguês sempre sozinho e de poucas palavras, ao contrário de outros que não se cansavam de assediá-las. Mal sabiam que, enquanto atendiam as mesas, no incessante ir e vir, elas também (nem todas) serviam ao seu *hobby* secreto. Até que num final de tarde de verão uma nova garçonele despontou aos seus olhos à maneira de uma iluminada aparição.

Chamava-se Débora e movia-se com uma graciosa ondulação, como se estivesse num palco ou numa pista de dança. Possuía a pele e os cabelos claros, olhos verdes, bonitos seios e uma bundinha esférica que nem o uniforme usual conseguia esconder. Todas essas características, aliadas a voz rouca e sensual, faziam dela uma presença única. Mas, ao mesmo tempo, algo inexplicável aconteceu. Por mais que tentasse desbravá-la visualmente, quando ia ao bar, não conseguia imaginá-la sem roupa, como se uma barreira ou um véu se interpusesse entre os dois.

\*\*\*

Então teve um sonho:

“... depois de algum tempo viu Débora nua à sua frente e, quando ela abriu as pernas, surgiu a boca de um monstro peludo que avançava para devorá-lo...”

Acordou-se, de repente, encharcado de suor.

\*

## 2. Ele

O nome Tibúrcio, acrescido ao físico miúdo e a baixa estatura, não o ajudavam nas suas relações de amizade, nem nas suas conquistas amorosas. Mas não só por isso. Desde criança era tímido e com poucos amigos. E teve apenas uma namorada na adolescência: a vizinha de semblante alegre, olhos vivos e coxas roliças, que logo o trocou por um rapaz mais velho, tipo atlético e boa pinta, ao estilo dos galãs de Hollywood. Sua mãe, que era uma bela mulher (e ele muitas vezes a observou, furtivamente, enquanto ela trocava de roupa) enviuvou com pouco mais de trinta anos. Tibúrcio, o único filho, ainda não completara

quinze. O marido, modesto funcionário público municipal, deixou uma pensão irrisória e ela, para aumentar a renda e sustentar o filho, passou a costurar para fora. E, pouco a pouco, foi enfeando e tornando-se uma pessoa amarga e depressiva.

Tibúrcio, depois que terminou o curso ginasial, conseguiu um emprego de office-boy. Acabou progredindo na empresa em que trabalhava e passou a ter um bom salário para um homem solteiro. Após a morte da mãe, que não atingiu o meio século, continuou no mesmo apertado apartamento de sua infância e juventude, devido a sua boa localização, numa área considerada nobre da cidade, nas proximidades da Avenida Beira-Mar e do shopping com o mesmo nome, o seu lugar favorito nas horas de folga. E tornou-se cada vez mais solitário e introspectivo. Só tinha um prazer na vida: observar as mulheres.

### **Nota de jornal:**

*“A garçonete Débora dos Santos, 23 anos, foi encontrada morta num terreno baldio próximo da casa onde morava com a amiga Maria Helena da Silva, na rua Alm. Carlos da Silveira Carneiro, Agrônômica. A vítima encontrava-se completamente despida e apresentava um profundo corte, feito por uma faca, bisturi, ou navalha, que ia da sua genitália ao pescoço, deixando à mostra os seus órgãos internos. Ela viera de Concórdia, onde vive a sua família, cinco anos atrás, em busca de novas oportunidades na capital catarinense. Era uma jovem que chamava a atenção pela sua beleza e personalidade e, segundo as colegas de trabalho, tratava-se de uma pessoa alegre, sempre de bom astral e muito bem quista pelos empregados e fregueses do bar onde trabalhava.”*

(...)

*“Ainda não existe nenhuma pista sobre o assassino.”*

\*

### **Nota de jornal (II):**

*“Menos de dois meses depois do assassinato de Débora dos Santos, sem que a polícia descobrisse o autor do crime, outra jovem garçonete apareceu morta nas mesmas circunstâncias. Desta vez foi (...)”*

*(Do livro “Assassinato ao Luar”, Editora Insular, 2015)*

